



VITÓRIA

é um nome de mulher

Guia prático para mulheres ativistas

Isabela Rahal

VITÓRIA

é um nome de mulher

Guia prático para mulheres ativistas

Isabela Rahal



ISABELA RAHAL

Nascida na cidade de São Paulo, tem 31 anos, é formada em Relações Internacionais e mestre em Desenvolvimento Econômico pela Universidade de Columbia. É Diretora de Articulação Política da ONG Elasno Podere, e atuou como Coordenadora Legislativa na Câmara dos Deputados.

Lutar pelos direitos das mulheres e mais portunidades para os jovens é o que mais a motiva.. São mais de 10 anos de carreira na área de impacto social, e sua crença é que com a política é possível tornar o mundo mais igual.

No Congresso Nacional, atuou na construção e aprovação de diversas propostas, dentre elas, o projeto da Dignidade Menstrual que tem como principal objetivo combater a pobreza menstrual no Brasil, distribuindo absorventes para pessoas em situação de vulnerabilidade.

Seu propósito de vida é fazer a mudança e ela acredita que por meio da política isso é possível, e por isso decidiu escrever este guia.

ÍNDICE

Agradecimentos	5
Quem são as mulheres deste guia?	7
Introdução	9
Passo 1 Reconhecer a opressão e entender: Você já é uma liderança.	13
Passo 2 A luta é sempre coletiva – ainda bem	17
Passo 3 A luta que torna uma ideia possível – precisamos criar nossas oportunidades	21
Passo 4 De baixo para cima — a importância de incluir a sociedade	24
Passo 5: Símbolos são mais poderosos do que imaginamos	27
Passo 6: A gente não acredita que pode fazer... até fazer.	29
Passo 7: Não peça permissão, peça desculpas	31
Passo 8: Eles vão contra-atacar	33
Passo 9: A importância de mais resiliência: o caminho é cíclico, com perdas e ganhos, e descansar é preciso	35
Passo 10: Comemore! Mas a luta continua	37
Conclusão - Não desista de sonhar.	38

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que de alguma forma fizeram com que esse Guia saísse da nossa imaginação e se concretizasse. Que doaram seu tempo ou recursos. Muito obrigada!

Alcineia Emmerick
Alexsandra Cerqueira
Aline Yamashita
Amanda Letícia Brandão
Ana Luiza Moura Rocha
Andrey Pereira Brito
Angela Angelini
Antonio Lozano
Bianca Zimmerer
Brenna Montenegro
Camila Sofia Jordan
Caroline Mendes
Claudia Coury
Daniel Moraes
Daniela Menezes
Dionisio José Machado Brito
Dora M F Ribeiro
Eduardo Luis Fantini
Eduardo M.
Elaine Rahal
Elisa Fagnani
Ester Sabino Santos
Fernanda Goncalves Abreu
Fernanda Medeiros
Filippo Gin
Flávia Baldasso Lozano

Flávia Bellaguarda
Flavia Succi Gregori
Fuga!
Gabriel
Gabrielle Frigotto
Giovanni Mockus
Gui Bueno
Guido Tabacco
Guilherme Camarotto
Guilherme Falcão Eyff
Janaina Cavalli
Jessyca Martins de Sena
Josilei Junior
Juan Borges
Julia Carvalho
Julia Cruz
Julia Reis Coury
Juliana Barros
Kamila Camilo
Karin Vervuurt
Kleber Carrilho
Larissa Perez
Letícia Quirino de Medeiros
Letícia Teixeira
Ligia Pinto Sica
Lucas Bernar

AGRADECIMENTOS

Lucas Coelho Brandão
Lucio Rodrigues
Luis Mateus das Neves de Oliveira
Luís Otávio Martinez
Luisa Milanez Martelli
Luiza Diniz Vilanova
Manoel Schindwein
Marcela Barros
Marcelo Rodas Messias
Maria das Dores Oliveira
Mariana Dovalski
Marie
Marzia
Mateus Guzzo
Maximiliam Schiavinatto Pires
Mayara Beltram
Mayara Ochiai
Mayra de Freitas Pinto
Monique Bueno
Nadja Maria Brigidi
Nahia Nader
Pedro Augusto Silva de Jesus
Pedro Carraro
Pietro Lancieri
Priscila Carvalho
Rachel Lozano
Rafael Apoena Marques Trece
Raphael Anacleto
Raphael Gouvea
Seon Augusto de Souza Ferreira
Thiago Palia
Tiago Zanin
Tomas Enrique Kreiner
Valeria Lima
Virgginia Laborao

Quem são as mulheres deste guia?



Vanda Ortega Witoto

Líder indígena do povo Witoto. É técnica de enfermagem e ficou muito conhecida durante a pandemia, quando se tornou um símbolo da luta contra a Covid-19, salvando vidas em sua comunidade Parque das Tribos, na capital amazonense.

Helena Branco

Uma jovem ativista feminista de São Paulo, estudante de Relações Internacionais e Políticas Públicas na UFABC. Ela foi a primeira Teen Advisor brasileira para a Girl Up e é Jovem Líder da Women Deliver.



Amanda da Cruz Costa

É ativista climática, jovem embaixadora da ONU, delegada do Brasil no G20 Youth Summit e em 2021 entrou para a lista #Under30 da revista Forbes, é formada em Relações Internacionais, e empreende o Perifa Sustentável.

Julia Inés Roitman

É advogada em Direito Internacional Público, ativista dos direitos humanos, com especialização em direitos sexuais e reprodutivos. Fez parte de múltiplas instâncias da mobilização da campanha “Nem uma a menos” para a legalização do aborto na Argentina e desenvolveu campanhas como “Indecisxs” para a participação cidadã online.



Lina López

É uma feminista latino-americana e ativista do aborto colombiana. Tem trabalhado defendendo o acesso ao aborto, a justiça social e apoiando a mobilização para a governança corporal. É coordenadora de um projeto de pesquisa sobre o estigma do aborto na Colômbia.

INTRODUÇÃO

Carta às mulheres que lutam ao meu lado, e às mulheres que virão: Sempre fomos fortes, mas tentaram nos convencer que era impossível.

A revolução acontece todos os dias. Não percebemos, mas ela acontece. À nossa volta, com passos pequenos, por mulheres que vieram, por mulheres que virão. Viemos de muito longe, conquistamos muito. O direito ao voto, o direito a sermos eleitas, a trabalharmos, a sermos donas (ou mais donas) de nossas próprias vidas. O direito à liberdade, que está longe de ser plena, mas é muito maior do que foi há 100 anos.

Os últimos anos foram muito duros. Não só para nós, mulheres, mas para muitas populações ditas “minorias” – que muitas vezes são maiorias mas tiveram sua liberdade tomada pelo padrão social em que vivemos. Por isso, é importante começar avisando: falaremos no feminino, porque o futuro deve ser feminino e já falamos no gênero masculino há tempo demais. Mas não falaremos apenas para nós, mulheres. Você que é cis, trans, negro e negra,

“Nossa luta nunca será completa até que todos nós possamos viver a liberdade e os direitos plenos.”

INTRODUÇÃO

indígena, sintam-se incluídos também. Esse conteúdo é tão importante para vocês quanto é para os direitos femininos.

Este livro é um livro também sobre esperança, aquela que muitas vezes nos fizeram perder ao longo do tempo. Um guia para o futuro que desejamos. Acreditar e saber que é possível são os pilares para qualquer mudança que desejemos. A desesperança é a maior arma que eles têm, e se quisermos corrigir os rumos que nosso país vem tomando, precisamos em primeiro lugar combatê-la. Nos inspirar. Entender que existem opções e existem vitórias acontecendo diariamente à nossa volta, e muitas outras por acontecer.

Choramos muito falando sobre esse livro. Nos emocionamos com cada entrevista, com cada conversa, com cada pedido de financiamento, cada discussão. Choramos de felicidade, de encontrar umas nas outras consolo, parceria, sororidade e uma esperança que acreditávamos estar perdida.

As mulheres entrevistadas são incríveis, assim como as mulheres que fazem parte desse projeto, e as mulheres que apoiaram esse projeto. São fortes e companheiras e merecem toda a nossa gratidão. Nos lembraram que às vezes tudo o que precisamos está à nossa volta, entre nós mesmas.

Nos foi lembrado também, no decorrer da escrita, que devemos muito às mulheres corajosas que lutaram antes de nós e às que lutam hoje. Devemos gratidão, com certeza, mas eu acredito que devemos mais: devemos aprender com elas. Com umas às outras. A luta é coletiva, como vou comentar diversas vezes nesse livro, e justamente por ser coletiva, é essencial que aprendamos umas com as outras.

Não é aceitável que esperemos mais 100 anos para a liberdade a que temos direito. Pela plenitude e segurança que desejamos. Pela igualdade que merecemos. Mas só vamos avançar mais rápido se soubermos, com cada pedaço do nosso ser, que existe um caminho. Um caminho que já foi trilhado por outras mulheres, e que pode ser trilhado por nós também.

VITÓRIA é um nome de mulher

Conquistamos vitórias há séculos, e espero que esse livro ajude você, leitora ou leitor, a conquistá-las também.

INTRODUÇÃO

Rupi Kaur, poeta canadense-iraniana, já disse: “Qual é a maior lição que uma mulher pode aprender? Que desde o primeiro dia, ela sempre teve tudo o que precisa dentro de si mesma. Foi o mundo que a convenceu que ela não tinha.”

Esperamos que as próximas páginas te convençam, ao contrário do que o mundo tentou nos dizer, que temos o que é necessário para conquistarmos nossas vitórias. Mais do que isso: que alimentem a sua alma de força para lutar, assim como alimentaram a nossa ao realizar esse projeto tão bonito.

Passo 1:

Reconhecer a opressão e entender: Você já é uma liderança.

Nós conseguimos nos acostumar a tudo nessa vida. É um mecanismo de defesa. Nos acostumamos a injustiças conosco e com outras. Nos acostumamos com preconceito, com opressão – ao ponto que não os reconhecemos. Afinal, como diferenciar o que é errado e não deveria acontecer, se nascemos e crescemos com essa realidade? Como entender, de maneira dolorida, mas também libertadora, que durante toda a nossa vida sofremos violências, opressões, injustiças e desigualdade?

Costume é um mecanismo de defesa porque esconde a dor da opressão – de novo, aquela que sofremos e aquela que nossas companheiras sofrem. Mas é também inimigo da mudança. Não existe revolução se temos como normal e contumaz a realidade de abusos que sofremos e a série de desigualdades com que convivemos.

A culpa, então, é aliada do costume. Tira a liderança de mulheres. “Se não me escutam a culpa deve ser minha, não sou eloquente o suficiente”. “Se não me respeitam, não devo saber me fazer respeitar”. “Se me violentam, é porque dei oportunidade ou mereci”. Isso tudo é mentira. Fomos ensinadas a não reconhecer a nossa força e a abraçar a culpa por tudo o que nos causam, por tudo o que há de errado e desigual à nossa volta. Reconhecer e livrar-se da culpa é, de novo, dolorido mas incrivelmente libertador.

Vanda Witoto, liderança indígena de Manaus, aprendeu essa lição há alguns anos. Vanda tem uma força incrível e uma vontade de mudança que vem de dentro. Quando a entrevistamos, dividimos essa força e saímos ainda com mais vontade de mudar e revolucionar o mundo – como tende a acontecer, quando falamos com lideranças inspiradoras.

PASSO 1

Ela foi enviada para a cidade aos 16 anos, para estudar. Trabalhava em uma família em condições análogas à escravidão, durante anos. Trabalhava para sobreviver, não tinha finais de semana, horário, morava com os patrões – mas encarava isso somente como trabalho, como uma realidade. Foi somente quando se libertou disso que entendeu, profundamente, o tamanho da condição em que vivia e o tamanho da opressão que sofria. E foi quando entrou na universidade que iniciou os questionamentos sobre sua existência enquanto mulher indígena. Ao entrar na graduação, exigiram dela o registro indígena – RANI, mas como aos Witoto foi renegado o direito de se chamarem indígena em seu território, o RANI nunca tinha feito sentido para ela até aquele momento. Ao fazer o RANI, pela primeira vez ela leu o nome dela como nome indígena.

A entrada dela na universidade mudou a história do seu povo e, sobretudo, a história dela. Lá, conheceu parentes que já faziam parte do movimento político de luta indígena. Vanda explicou:

“percebi o tamanho do desafio que os nossos povos vivenciavam para além da floresta, para além da cidade, para além de tudo o que eu já tinha vivido.”

Ela tampouco reconhecia os preconceitos e opressões que sofria ao ingressar no ensino superior, por meio do sistema de cotas, junto com seus pares: não se sentiam confortáveis em ir à faculdade pintados, como o faziam no dia a dia no Parque das Tribos – “ocidentalizavam-se”, mudavam seus costumes para se encaixarem na rotina universitária.

Da maior à mais sutil violência, foi somente quando entendeu o tamanho da injustiça e opressão que sofria que Vanda pode lutar contra as amarras que a cercavam. Foi no Parque das Tribos que ela conseguiu

PASSO 1

“olhar para outras mulheres, avós e crianças que são falantes de suas línguas e que pintavam o corpo como uma forma de demarcação do seu território.”

Ela não nos afirmou, mas fica claro que esse é o dia em que ela reconheceu a própria força, a própria liderança. A mudança a partir deste ponto é visível.

Helena Branco tem 19 anos e é integrante da Girl Up, foi outra de nossas

entrevistadas. Em um contexto completamente diferente, fez descobertas na mesma linha. A Girl Up se organiza em clubes por todo o Brasil, com núcleos de meninas adolescentes. Elas se comunicam, se apoiam, estão em grupos de whatsapp e aprendem como se mobilizar e engajar juntas. E foi em uma tarde de abril que a primeira mobilização de caráter nacional começou: uma membra de Recife estudava a questão menstrual e de absorventes para mulheres de baixa renda em seu Trabalho de Conclusão de Curso, e enviou uma mensagem no grupo de whatsapp, perguntando: “Vocês sabiam que absorventes não são considerados itens básicos de necessidade, e são taxados como artigo de luxo?”

O rebuliço causado pela pergunta gerou pesquisas, busca e a compreensão de que milhões de meninas e mulheres em situação de vulnerabilidade não tinham absorventes durante o período menstrual no Brasil. Que muitas meninas inclusive perdiam quatro dias por mês de aulas por conta do período menstrual e pela falta de absorventes. Que em meio a uma das maiores crises econômicas e sanitárias dos últimos tempos as cestas básicas não incluíam produtos de higiene menstrual. Mais ainda: que aprovaram uma lei federal sobre o tema, mas que essa havia sido vetada.

Foi só depois dessa compreensão que núcleos da Girl Up, de meninas de todas as regiões do Brasil, puderem começar a se mobilizar

“O dia que derrubamos a cerca do Parque das Tribos e erguemos nossas casas, fizemos nossa morada, foi o melhor dia da minha vida. Foi quando eu entendi que poderíamos lutar”.

PASSO 1

para combater a pobreza menstrual: só depois que entenderam que pobreza menstrual existia, e prejudicava a vida e a saúde de milhões de brasileiras, que elas puderam começar a mudar essa realidade.

Conhecimento e reconhecimento são a base de qualquer mudança. Indignação é essencial – não aquela que paralisa, mas aquela que move, que percebe, que gera ação.

Não existe revolução sem conhecimento.

Sem compreensão do abuso. Sem compreensão de que somos vítimas, sim, mas somos mais do que isso: somos lideranças eagentes de mudança com poderes e capacidades incríveis. Com coragem.

E mais do que isso: juntas, somos capazes de gerar mudanças poderosas. Falaremos muito mais sobre esse poder nos próximos capítulos, mas antes precisamos falar do essencial: a luta é sempre coletiva.



Passo 2:

A luta é sempre coletiva – ainda bem

Por muito tempo nos disseram que mulheres não eram companheiras e competiam entre si. Diz-se, erroneamente, que amizades femininas não existem, que mulheres puxam o tapete umas das outras, que elas não podem construir juntas. Revoltante, injusto e irreal, esse mito, ainda bem, está caindo por terra nas gerações mais novas, embora ainda persista em diversas relações femininas.

Mas por que ele existe? A quem esse entendimento ajuda?

A ideia surge do ponto de vista de que há espaços muito limitados para mulheres em posições de liderança, por exemplo. Que só pode haver uma mulher no conselho de uma empresa, uma mulher eleita por esse ou aquele partido, uma mulher representada em determinada comissão. Essa ideia, alimentada no coletivo, faz com que mulheres compitam entre si por aquela única cadeira entre dezenas, em lugar de unir-se e competir – de maneira muito mais efetiva e justa – contra um sistema que as oprime e limita o número de posições de liderança reservadas a elas.

A verdade é que ela serve a homens, e a todo e qualquer sistema de opressão contra minorias de nossa sociedade. Porque é competindo entre nós que não entendemos o tamanho da força do coletivo. O tamanho da força que nós temos, potencializada, para a revolução que precisamos. Somos 53% da população brasileira: somos maioria. Mas não nos vemos assim, e por isso permanecemos em tantas situações que nos desfavorecem. E é somente entendendo a importância e a força que temos com o grupo que poderemos mudar essa estrutura.

As mulheres argentinas entenderam isso muito bem. Júlia Roitman, é ativista no movimento de argentinas que conseguiu aprovar a legalização do aborto no país, após anos de luta. Ni Una a Menos, entre

PASSO 2

muitos outros lemas, eram a máxima de uma mobilização de milhões, que atingiu de avós a netas, colegas de trabalho, amigas, inimigas, parentes distantes. Unidas, em marcha, durante anos, elas conseguiram mudar o cenário que matava milhares de mulheres por ano em um país extremamente católico e conservador em tantas áreas.

Mas isso só foi possível porque elas se uniram.

“Nós não tínhamos uma única líder do movimento, éramos muitas. Por isso éramos tão fortes. Não havia uma única mulher que os movimentos conservadores pudessem perseguir, atacar, mesmo no auge de nossas lutas.”

O mesmo ocorreu com o processo de legalização do aborto na Colômbia, sobre o qual entrevistamos Lina López, especialista em saúde sexual e reprodutiva. “Éramos muitas, e sempre havia alternância entre aquelas que apareciam na mídia. Eram coletivos, debates, e conversas feitas por mulheres múltiplas – assim a ideia poderia ser difundida sem que houvesse uma exposição grande de uma só mulher”.

O coletivo e a união também nos trazem proteção e segurança. Sobre isso, Júlia conta: “Nunca me senti tão segura quanto durante os protestos e o movimento. Eu andava na rua mesmo à noite, sozinha, via outras mulheres que estavam protestando comigo e sabíamos que **não estávamos sozinhas e que protegeríamos umas às outras**”. Existe uma força gigante que vem do sentimento de não estar sozinha. De fazer parte de algo maior do que si própria, e de se sentir acolhida na

PASSO 2

luta. É isso, nos momentos mais duros e difíceis, que nos permite seguir em frente.

E essa união só pode ser construída com muito diálogo. Na Argentina e na Colômbia, o diálogo inclusive intergeracional foi importantíssimo. Netas falavam com avós, e muitas vezes descobriam que suas avós já haviam abortado na juventude, mas nunca haviam falado sobre isso. Organizações importantíssimas, como a Católicas pelo Direito de Decidir, se uniram à luta. Mulheres de direita à esquerda lutaram juntas por uma causa que lhes era essencialmente comum: a vida das mulheres. De suas irmãs, amigas, companheiras, e mesmo, como dito anteriormente, de suas rivais.

Foi a união que deu força a essas mulheres, e permitiu que o aborto fosse legalizado na Argentina e na Colômbia – e que, por consequência, a vida de milhares de mulheres esteja sendo salva desde então.

Foi a união, nada menos, que permitiu à Vanda e aos Witoto do Parque das Tribos combaterem a covid e sobreviverem, também salvando centenas de vidas.

“A sensação de estar nesses espaços dói, incomoda muito, machuca, fere, e você se sente sozinha”. É assim que Amanda Costa, do Perifa

Sustentável, descreveu sua luta quando criou o instituto e começou a falar sobre as mudanças climáticas que atingia a população negra e indígena. “Em 2017 não me via representada e agora em 2022 vamos levar outras mulheres para a Conferência das Partes (COP) e puxando uma agenda política.”

A união também permitiu às meninas da Girl Up atuarem para combater a pobreza menstrual em todo o Brasil, dando dignidade e saúde a milhões de pessoas que menstruam hoje.

“Hoje temos uma juventude mega engajada que tá colocando a mão na massa e produzindo conteúdo sobre isso e abraçam muito a luta.”

A mensagem de que só é possível vencer unida às nossas companheiras talvez seja a mais importante de todas. E ainda bem que é assim: que triste seria o caminho de lutas se ele fosse sozinho, não é mesmo?

Passo 3:

A luta que torna uma ideia possível – precisamos criar nossas oportunidades

Já dizia Victor Hugo: “nada é tão poderoso quanto uma ideia cujo tempo chegou”. E de fato, essa frase é importantíssima para que entendamos a força de mudança de nossas ideias e sonhos. Mas será que, de fato, a ideia deve esperar que a conjunção de fatores, o universo e o contexto ditem quando chegará seu tempo? Ou será que está também em nossas mãos fazer com que o tempo de uma ideia chegue?

Foi nessa perspectiva que a nossa entrevistada Amanda Costa criou o Instituto Perifa Sustentável. Ativista das pautas ambientais na periferia e com apenas 25 anos, Amanda viu que precisava mobilizar a juventude para levar os debates de enchentes nos bairros, falta de saneamento básico, por exemplo, mais longe. “Nossa missão sempre foi nos comunicar com a juventude preta e periférica sobre mudanças climáticas. A galera não fazia a conexão que quando chove muito e tem uma alta no preço dos alimentos, isso é crise climática. E eu não me sentia representada e não tinha pessoas parecidas comigo no debate climático”.

Quando as meninas da Girl Up começaram a falar sobre pobreza menstrual, o assunto também não estava na mídia. Não era pautado em rede nacional, não era um debate tão relevante no Congresso Nacional, nem nas Assembleias Estaduais, muito menos nas Câmaras Municipais. Houve um projeto de lei de isenção, que havia sido vetado, e não se falava mais no tema. Milhões de mulheres e meninas sofriam com a ausência de absorventes, mas não havia mobilização que fosse feita a respeito.

Foi necessário muito diálogo. Helena lembra a primeira ação que fizeram, que era de arrecadação e distribuição de absorventes, em meio à pandemia, – ainda não se falava em legislação – e o professor que organizava a distribuição ficou surpreso ao perceber que, ao receber as

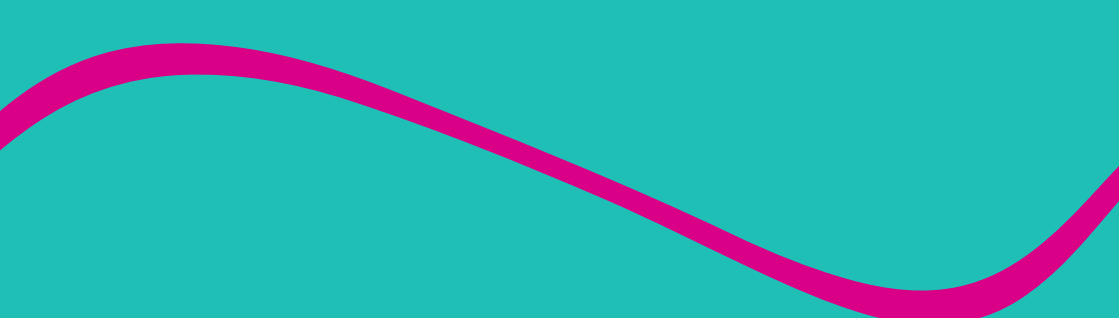
PASSO 3

doações, as mulheres ficavam extremamente gratas e felizes. Ele não havia percebido que isso era uma questão. Não havia ideia cujo tempo havia chegado, pelo contrário: para a grande maioria dos tomadores de decisão, pobreza menstrual não existia.

Elas passaram a fazer conversas em comunidades, nos núcleos da Girl Up, em jornais locais e, eventualmente, nacionais. Passaram a fazer campanhas em redes sociais, com famílias, com amigas e, finalmente, com mandatários e representantes eleitos.

A diferença foi gigantesca. Se, quando deputadas haviam protocolado projetos de lei anteriormente sobre o tema, haviam sido recebidas com escrutínio e críticas com a população, dois anos depois a pressão havia trocado de lado. Era o presidente da república que, ao vetar a lei, recebia as críticas da sociedade. As meninas da Girl Up não esperaram que o tempo de uma ideia chegasse. Elas criaram o próprio tempo.

A mesma coisa é possível dizer acerca das ativistas colombianas. Um grupo de mulheres interdisciplinar na Colômbia começou com um grupo de conversas, em 1996: a “Mesa pela Vida e a Saúde das Mulheres”. Era um espaço de reunião e diálogo, que passou a concentrar evidências e informações sobre o aborto, sobre as mulheres que sofriam as consequências da proibição, entre outros dados. Demonstraram, junto com outras organizações como as Católicas pelo Direito de Decidir, dados sobre o número de mulheres que morriam por conta de abortos ilegais, e o recorte de renda e regiões em que elas se encontravam – sempre mulheres de mais baixa renda e, principalmente, de zonas rurais. Como resultado, em 2006, anos depois, o aborto passou a ser compreendido como uma questão de saúde pública – embora ainda não fosse considerado legal, isso representou um grande avanço que só foi possível após anos de diálogo.



Esperar que o tempo das ideias chegue é algo que nos disseram para que sigamos esperando enquanto somos injustiçadas.

Um olhar estratégico para a opinião pública e para quanto um tema tem visibilidade e convencimento por parte da população é super importante, claro. Não estamos falando aqui de idealismos e ilusões. Mas reconhecer que um tema tem poucas chances de prosperar não é motivo para desistência. É motivo para desenhar estratégias diferentes – e falaremos sobre quais são elas nos próximos capítulos.

Passo 4:

De baixo para cima — a importância de incluir a sociedade

Não existe mudança grande e estrutural sem uma sociedade mobilizada.

A conta é simples: quem está no poder quer continuar. Quem tem privilégios vai pensar em mantê-los ou, no mínimo, vai viver conforme a sociedade impõe. Somos avessos à mudança como seres humanos: mudar é desconfortável, causa instabilidade, desconforto. O nível de mobilização necessário para grandes mudanças, portanto, é gigante. E precisa envolver toda a sociedade.

Às vezes, a mobilização acontece por um grande trauma. Um baque. Um caso de crueldade que toma a mídia, um desastre nacional, algo assim. No caso de Vanda, os Witoto e o Parque das Tribos, foi a chegada da covid e hospitais lotados – que a fez conseguir mobilizar toda uma sociedade para doações, apoio e ajuda para a criação de um hospital de campanha improvisado, com redes, no Parque.

O que aconteceu para chegar nesse ponto foi que os indígenas do Parque das Tribos, em meio ao alto da crise de covid, não conseguiam ser atendidos nos hospitais da cidade de Manaus – muitos deles já lotados e até, em determinado momento, sem oxigênio. Em parte, por conta da lotação, mas em parte também porque eram indígenas e eram instruídos a buscar a Secretaria de Saúde Indígena, a SESAI. Ao mesmo tempo, por serem indígenas que habitavam em área urbana, não eram recebidos por agentes da SESAI. Enfermeira, Vanda tentava fazer o possível, mas não era o suficiente “eu tinha um termômetro, dipirona para controle de febre e outras ferramentas muito limitadas. Tinha um limite muito claro do que eu poderia fazer naquelas condições, e eu estava exausta”.

PASSO 4

Foi no auge da superlotação e da segunda onda de covid, portanto, que Vanda começou a organizar um hospital de campanha ao lado do Parque das Tribos, com redes, assistência de oxigênio e outras ferramentas mais elaboradas para primeiros cuidados, tudo com base no trabalho coletivo e doações. Uma sociedade comovida e aflita com a situação de calamidade pública em que se encontravam colaborou, doou, e os recursos chegavam não só da região, mas sim de diversas partes do país. A resposta ao trauma coletivo da covid-19 resultou na mobilização necessária para a sobrevivência daquelas pessoas.

Mas nem sempre a mobilização precisa de um grande trauma – afinal, o trauma só acontece no limite do descaso. A notícia de uma violência grande contra uma mulher, da calamidade pública que foi a covid para os povos indígenas, entre outras consequências flagrantes de descaso não podem nem devem ser a única oportunidade de mudança. Mais ainda: existem tragédias diárias que não chegam ao noticiário e, por diversos motivos, não causam comoção.

Por isso é essencial entender como funciona a segunda maneira de mobilização, que nem sempre depende de mobilização externa. Para isso, o exemplo das meninas da Girl Up mais uma vez é importantíssimo.

Elas entenderam que para mobilizar milhares, até milhões de pessoas é necessário criar uma mensagem que fale com todas. Queriam falar de menstruação – que, convenhamos, deveríamos mesmo falar mais – mas sabiam que não poderiam começar sem o conhecimento. Então foram atrás de dados muito significativos e que atraíssem a atenção de todos: uma em cada cinco meninas já faltou à escola por não ter dinheiro suficiente para comprar absorventes.

Menstruação poderia não ser um tema muito “sexy”, mas educação era. Talvez nem todos os pais e homens cis pudessem entender o desespero de meninas sem dignidade menstrual porque, afinal, nunca menstruaram. Mas eles entendiam, sim, o peso de meninas que perdiam mais de um mês de aula, somado, no ano, por não terem acesso a absorventes. O problema já existia, mas não era visto nem comentado. “Encapando-o” de uma maneira que pudesse ser compreendida, as meninas conseguiram levar o tema

PASSO 4

para a mídia nacional, forçando representantes a se movimentarem pela aprovação da proposta.

Claro que alguns temas são mais difíceis de comunicar do que outros. Como no caso da Amanda Costa, do Perifa Sustentável. Neste caso, o maior desafio que eles têm é justamente a comunicação: como mostrar para jovens que os efeitos que eles sofrem vêm das mudanças climáticas? Tudo é importante e essencial, mas a ligação de causa e efeito com o tema mudanças climáticas é muito pouco tangível. O desafio, portanto, é muito maior, e o trabalho de formiguinha que vem sendo feito pela organização.

Os exemplos da Colômbia e Argentina também cabem aqui. Foi trazendo saúde sexual em uma linguagem que tocava – a vida das mulheres e sua saúde – e falando com diversos setores da sociedade, como já foi dito, que o tema pode finalmente avançar. Todas essas mudanças acima só acontecem e continuarão acontecendo justamente assim: com uma sociedade, ou ao menos com uma parcela expressiva da sociedade, que entenda e possa sentir empatia pelas dores de nossas companheiras.

É com o sentimento coletivo para além do grupo afetado que se faz mudança – quando o incômodo da dor se torna maior, muito maior, do que o incômodo da mudança.

¹<https://educacao.uol.com.br/noticias/2022/02/06/jovens-pobreza-menstrual-falta-absorvente.htm>

Passo 5:

Símbolos são mais poderosos do que imaginamos

Há quem diga que símbolos são besteira, que é algo superficial, que o ideal que estamos lutando para alcançar é outro. Que não se deve perder tempo com isso. Mas é justamente conhecendo a história do movimento de mulheres na Argentina que provamos o contrário.

Esse movimento se identifica pelos chamados pañuelos. No início da entrevista da Julia, por videochamada, ela parou a conversa e levantou, por dois segundos, para buscar um quadro. Dentro dele, havia um lenço verde-escuro simples, bordado em branco. Orgulhosa, ela explicou: “foi o primeiro pañuelo que ganhei”. Ela continuou:

“O movimento foi criado por nossas avós, continuado por nossas mães, e as netas pegaram a bandeira para seguir em frente – e a bandeira eram os pañuelos”.

Conforme Julia explicava, ficava cada vez mais claro que, antes de tudo, o mais importante dos pañuelos era fazer com que elas não se sentissem sozinhas e, mais ainda: mostrar o tamanho do movimento. Qualquer mulher que fosse a favor do movimento e quisesse mostrar solidariedade – mesmo que não pudesse ir aos protestos ou manifestar-se de outras maneiras – usava o pañuelo à mostra. Em bolsas, mochilas, amarrado ao pulso. Como fosse: era um sinal de que ela apoiava as suas companheiras. O hábito ficou tão arraigado que, até hoje, a grande maioria das adolescentes e jovens de Buenos Aires ainda carregam o pañuelo consigo quando saem de casa. “Me sinto pelada sem ele”, disse Julia.

PASSO 5

Ela conta, ainda, um dos momentos mais bonitos que vivenciou durante os protestos. Estava voltando para casa no ônibus (e, como de costume, usando seu pañuelo na mochila), quando sentiu uma movimentação estranha atrás de si. Quando foi virar para ver o que havia acontecido, uma senhora lhe disse, apontando para alguns jovens homens que estavam no ônibus: “Não se preocupe, eu parei tudo. Eles estavam tentando puxar seu pañuelo e te intimidar”.

Quando Julia agradeceu, a senhora agradeceu de volta, por todos os protestos e a luta que ela e as demais mulheres estavam fazendo. Disse ainda que queria um pañuelo, mas que não tinha conseguido ir comprar ainda. Julia lhe deu o seu, e saiu feliz, entendendo, na prática, o que no fundo já sabia: assim como os pañuelos estavam por toda parte – e isso queria dizer que as suas aliadas estavam por toda parte também. O símbolo mostrava apoio, mostrava força e, acima de tudo, mostrava que elas não estavam sozinhas. Elas faziam parte de algo maior, e eram muitas.

Passo 6:

A gente não acredita que pode fazer... até fazer.

Comecei esse guia citando a poeta Rupi Kaur:

“Qual é a maior lição que uma mulher pode aprender? Que desde o primeiro dia, ela sempre teve tudo o que precisa dentro de si mesma. Foi o mundo que a convenceu que ela não tinha.”

Repito as palavras delas aqui porque essa realmente talvez seja a maior lição que qualquer mulher deve aprender – e mais ainda, uma ativista e uma mulher que luta por causas.

Isso porque quando estamos indo contra um sistema que já funciona há décadas da mesma maneira, a primeira coisa que eles vão tentar fazer é nos convencer de que é impossível. De que a gente não é capaz. O sistema inteiro trabalha para tirar a nossa segurança, fazer a política, leis e outros ambientes de poder serem inacessíveis para mulheres ou pessoas de fora da política tradicional: “As coisas sempre funcionaram assim”, eles dizem, e que seria ingenuidade nossa acreditar que elas podem ser alteradas.

Mas isso não é verdade. E o exemplo das meninas da Girl Up é bonito demais e mostra exatamente isso – especialmente o momento em que elas descobriram que poderiam não só arrecadar absorventes e

PASSO 6

doá-los, mas sim protocolar e aprovar leis no país inteiro e acabar com a pobreza menstrual no Brasil de uma vez por todas.

No começo, as meninas estavam realmente pedindo doações e distribuindo absorventes. Mas quando haviam esgotado seus círculos para pedir doações e ainda haviam milhões de mulheres em situação de pobreza menstrual – e, afinal, os absorventes doados em breve acabariam –, elas entenderam que teriam de correr atrás de medidas mais permanentes.

Então foi quando o clube de meninas do Rio de Janeiro levou um projeto de lei sobre o tema para a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, mais precisamente para o Deputado Estadual Renan Ferreirinha. O PL incluía os absorventes como item da cesta básica. O Deputado Renan e seu time as receberam, ajudaram-nas a terminar de elaborar e protocolaram o projeto. Inclusive, não só protocolaram: o projeto foi aprovado em tempo recorde.

Quando os demais clubes ficaram sabendo que isso era possível, passaram a fazer o mesmo. As meninas do Rio de Janeiro explicaram como haviam feito e como outras poderiam fazer – em resumo, abriram o caminho. E era um caminho sem volta: foram 27 estados com projetos de lei, além do projeto aprovado a nível federal.

E o ponto importante a se aprender é que o poder de bater na porta dos parlamentares e exigir o protocolo de um projeto sempre existiu – elas só não sabiam que podiam. Quando descobriram, ninguém mais pode pará-las.

Passo 7:

Não peça permissão, peça desculpas

Você vai descobrir que nada é permitido – mas se quiser, pode – quando se está indo contra qualquer sistema que quer que as coisas permaneçam exatamente iguais. Ninguém vai segurar a porta aberta para você. Ninguém vai te dar um manual do que é permitido. E a lição importante a ser aprendida é que pedir permissão nem sempre é o aconselhável, e que tudo bem cruzar algumas linhas e pedir desculpas depois. Afinal, as regras foram feitas por quem está no poder, e são justamente essas pessoas que estamos questionando.

Quando as meninas da Girl Up chegaram na Câmara dos Deputados para lutar pela derrubada do veto ao PL de distribuição de absorventes, elas vieram avisar que gostariam de fazer um ato no Salão Verde. O Salão Verde é a antesala de onde ocorrem as votações da Câmara, ao lado do plenário, onde ficam jornalistas, lobistas e afins esperando os resultados das votações. É também um lugar proibido a pessoas não credenciadas depois que as votações se iniciam.

“Entrem lá agora, antes das votações, e não saiam de lá”, eu me lembro de ter dito. As meninas correram, com cartazes e o que mais fosse, e ficaram lá durante horas, esperando que a votação começasse. Havia, sim, o risco de serem expulsas, mas elas não foram. Mais tarde, quando a votação se iniciava, elas foram além: paramos o próprio presidente da sessão e conseguimos convencê-lo a deixá-las entrar no plenário.

Elas não eram uma multidão de meninas, mas ali, em frente às câmeras de jornalistas, tiveram um papel essencial para que o veto não fosse retirado de pauta. Mais ainda, dentro do plenário de votação, **a imagem de meninas ocupando o plenário da Câmara dos Deputados para lutar pelos seus direitos será importante para muitas outras juventudes que virão.**

PASSO 7

O mesmo se pode dizer do hospital de campanha montado por Vanda Witoto. No momento que ela começou a receber doações e equipar o hospital, em momento nenhum ela pensou em parar e pedir permissão das autoridades. Principalmente porque era devido à omissão do próprio poder público que se fazia necessário tomar as medidas drásticas que ela estava tomando. Então Vanda seguiu, com a ajuda de centenas de pessoas à sua volta, e conseguiu garantir a sobrevivência não só dos seus parentes indígenas, mas também de muitas outras pessoas que, desamparadas pelo poder público, pediam ajuda.

E, no entanto, após o ápice da crise, foram também as autoridades que vieram cobrar de Vanda as autorizações que ela lhes devia. Mas, quando isso aconteceu, as vidas já haviam sido salvas – e ela pode argumentar e utilizar os meios jurídicos necessários para se proteger.

Nem sempre é possível atropelar os processos, claro, e nem sempre é desejável. Mas também é verdade que nenhuma mudança começa com um pedido de permissão – então aprender a quebrar certas regras é um passo essencial para mudar o que tolhe nossos direitos.

Passo 8:

Eles vão contra-atacar

Uma das principais lições que se pode aprender na vida é que aquilo com o qual outras pessoas te atacam muitas vezes diz mais sobre elas do que sobre você. Quando falamos de movimentos de luta e mudança de estruturas da sociedade, isso é ainda mais verdadeiro. Isso porque todo movimento de transformação sempre vai sofrer contra-ataques de setores mais conservadores da sociedade – e nem sempre de maneira honesta.

Por isso também é tão importante saber escolher nossas batalhas. Quando as primeiras parlamentares falaram sobre pobreza menstrual, elas foram criticadas por sugerir que o estado gastasse recursos seus com algo que, segundo muitos, “era supérfluo”. E muitas ativistas pela saúde sexual e reprodutiva das mulheres já foram obrigadas a trocar de endereço ou mesmo de país para se proteger de ameaças que recebem.

Quando ataques acontecem, é importante em primeiro lugar entender que isso não tem a ver com você. Tem a ver com o que você defende, e tem a ver com pessoas muitas vezes preconceituosas que não querem perder seus privilégios. Mas para além disso, existem lições valiosas a serem aprendidas com as mulheres entrevistadas para este guia.

A principal delas talvez seja a estratégia escolhida tanto pelo movimento pela legalização do aborto na Argentina como na Colômbia. Em ambos, o movimento era verdadeiramente plural: na Argentina, em cada momento, uma porta-voz diferente aparecia na mídia para dar as declarações do grupo; na Colômbia, o movimento contava com representantes da esquerda à direita.

“Éramos muito horizontais, e tínhamos uma série de representantes. Então eles não tinham uma única pessoa para atacar”.

PASSO 8

Ataques pessoais e agressivos, portanto, que são comuns neste tipo de contra-ataque, não podiam acontecer, uma vez que não haviam alvos claros. Mais do que isso: elas todas se protegiam entre si. O foco não era o protagonismo, mas sim a proteção e o objetivo de salvar a vida de outras mulheres.

É o que acontece quando colocamos disputas entre mulheres, egos e protagonismo de lado, e trabalhamos verdadeiramente como um coletivo: constrói-se um movimento poderoso, à prova de ataques baixos e cruéis de conservadores.



Passo 9:

A importância de mais resiliência: o caminho é cíclico, com perdas e ganhos, e descansar é preciso

Vitórias não são à prova de derrotas, por mais contraditório que a frase possa parecer. Isso porque o caminho entre o início de uma mobilização e uma vitória é longo, e cheio de percalços e revezes inevitáveis. É respirando fundo a cada um desses tropeços, sabendo quando descansar e como não desistir que se chega ao final dele.

O projeto de lei de distribuição de absorventes foi vetado e, depois, retirado de pauta muitas vezes. A legalização do aborto na Argentina foi rejeitada no seu legislativo algum tempo antes de ser apreciada novamente e aprovada. Vanda e os seus parentes se sentiram cansados e derrotados em diversos momentos antes de conseguirem sobreviver à covid. Nenhuma dessas histórias de superação e conquistas foram vitoriosas em cada passo.

O que as diferenciou de outras histórias que não tiveram o mesmo fim de sucesso foi a capacidade das mulheres de manterem-se firmes. Na Argentina, após a reprovação em 2018, as mulheres não pararam de carregar seus pañuelos. Pelo contrário: passaram a fazê-lo mais ainda. Mas, ao mesmo tempo, passaram alguns meses recuperando energias e levantando-se da queda.

Mas elas não desistiram. Quando houve uma mudança no Congresso, elas tentaram novamente e, com mais de um milhão de mulheres protestando em um mar verde em frente ao Congresso Argentino, elas conseguiram pressionar pela legalização.

Ou seja:

**Descansar é
essencial, mas
não desistir nos
revezes é mais
importante
ainda.**

Passo 10:

Comemore! Mas a luta continua



O mais importante quando alcançamos as vitórias é saber olhar para trás e ver o quanto caminhamos. Precisamos comemorar pequenas vitórias, grandes vitórias, vitórias individuais, vitórias coletivas – que são as mais gostosas de celebrar, não é mesmo?

Parece besteira colocar um capítulo que fale apenas sobre comemoração. Deveria ser meio óbvio festejar após vitórias importantes que, muitas vezes, levaram anos para acontecer. Bom, deveria, mas não é óbvio.

Estamos acostumadas com a luta, a exigir tudo e mais um pouco de nós mesmas e do que está à nossa volta e nunca estarmos satisfeitas com o que alcançamos. Quantas vezes, em meu trabalho, não conseguimos vitórias incríveis para, no segundo seguinte, comentar “mas aquele outro projeto, como vamos aprovar?”

Por isso parar e olhar de onde partimos, reconhecer vitórias e comemorá-las é tão essencial. Mesmo quando elas são pequenas. Mesmo quando estamos exaustas. Comemorar é celebrar a nossa força, e tudo o que fizemos com ela para chegar até aqui. É também reenergizar para as próximas lutas, porque elas seguirão muito necessárias.

A fiscalização para entender a implementação do poder público das leis de distribuição de absorventes segue mais necessária do que nunca. A luta pela igualdade e acesso aos direitos dos povos indígenas, mais ainda. A proteção à vida das mulheres segue ameaçada também, como sempre.

A luta ainda é gigante e continua. Mas avançamos tanto, e que incrível poder reconhecer isso.

Conclusão:

Não desista de sonhar.

Passei toda a minha infância sendo chamada de “difícil” porque questionava demais. Debatia, rebatia contra o que eu achava que não era correto. Eu não sabia, mas aos poucos minha voz estava sendo silenciada: “não questione”, era a mensagem, e as pessoas gostarão de você. Esse tipo de mensagem faz parte da criação de tantas outras meninas: é assim que eles roubam nossa voz, e nos fazem acreditar que não somos fortes o suficiente.

Quando começamos a pensar neste guia, nossa vontade era devolver voz às meninas e mulheres e mostrar para elas o tamanho da força que elas têm. E conseguimos encontrar mulheres incríveis – nunca imaginamos o tanto de emoção e esperança que ele daria a nós mesmas. Não imaginávamos chorar durante entrevistas, nos surpreender com apoios inesperados, nem emocionar a tantas outras pessoas pelo caminho.

Mas a verdade é que sentimos tudo isso porque nós, também, estávamos com sede de esperança. Ansiosas por um caminho que nos parecesse possível, com algo com que sonhar. Ávidas por energia para nos carregar para as próximas batalhas. Estávamos absolutamente exaustas.

Havíamos esquecido de lições importantes demais que deixei nos pontos anteriores. De que existem revezes em qualquer caminho para as conquistas. De que é urgente parar e respirar. De que é importante olhar para trás, reconhecer e comemorar.

A história dessas mulheres incríveis e dos movimentos que elas fizeram parte é só um pedaço da força de tantas outras mulheres que encontramos pelo caminho. Juntas, não só conseguiremos mudar muita coisa: já estamos conseguindo. Nos falta somente perspectiva: olhar para o lado, aprender, e lembrar que sonhar é possível.

Esperamos que este guia tenha lembrado a vocês que Vitória é sim nome de mulher – e tem sido há tanto, tanto tempo. Conquistamos muito e há muito a conquistar, mas só será possível fazê-lo juntas.

**Vitória é nome
de mulher, mas
deve ser também
um substantivo
coletivo.**

**Sigamos juntas e
unidas!**

